

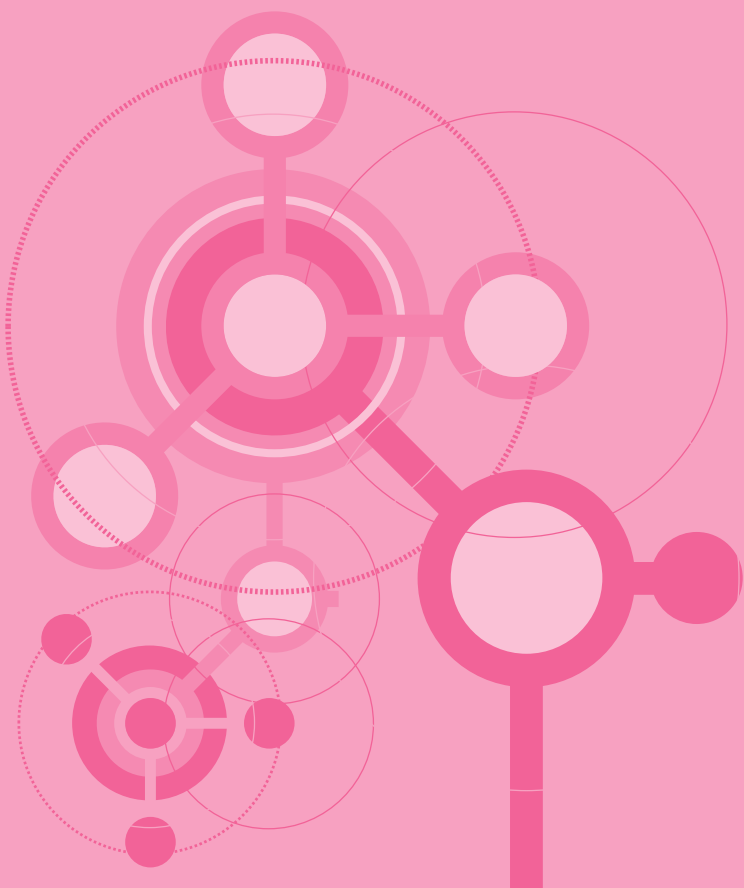
APRESENTAÇÃO

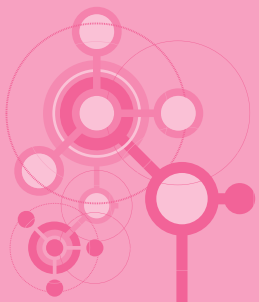
Comunicação emergência climática e Amazônia: um desafio interdisciplinar e cosmopolítico

Este dossiê 48 da *Organicom – Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas*, que tem como tema “Comunicação, emergência climática e Amazônia”, foi organizado a partir do reconhecimento de que a questão ambiental é central em qualquer debate sobre a sociedade contemporânea e indissociável do sistema midiático. Ele trata de temáticas diversas e complexas, perpassadas pelo desafio de comunicar fatos e valores em diferentes contextos, enfrentando assim as chamadas pós-verdade e pós-política (Latour, 2020). Este novo cenário exige um diálogo ampliado, cosmopolítico (Stengers, 2023), que articule conhecimentos científicos de múltiplos campos disciplinares, saberes tradicionais e questões éticas, buscando construir o comum a partir não da totalidade universalista e prescritiva, mas dos pluriversos em convivência (Acosta, 2016).

Por isso, os artigos, a entrevista, o depoimento e a resenha aqui presentes são marcados pelo caráter interdisciplinar e pelo diálogo de saberes que caracterizam a comunicação ambiental. A fotografia do planeta Terra tirada pela NASA nos anos 1960 tornou-se um símbolo da emergência da questão ambiental e uma metáfora-chave das narrativas de sustentabilidade (Hajer, 1995). Mas foi apenas a partir dos anos 1990 que a comunicação ambiental se constituiu como campo de práticas e estudos (Aguiar; Cerqueira, 2012), assumindo para si um dever ético diante das múltiplas crises socioambientais que vêm se agravando desde então (Cox, 2007).

É preciso lembrar que há uma relação intrínseca entre o aumento das desigualdades, a desregulamentação e o negacionismo climático (Latour, 2020), e que o enfrentamento dessa tríade perversa se dá no contexto de uma sociedade na qual a informação constitui matéria-prima estratégica e as





tecnologias de informação e comunicação moldam as atividades humanas (mas não as determinam) (Castells, 1999). Por isso, é cada vez mais urgente levarmos a sério o alerta de que precisamos superar tanto as concepções economicistas de desenvolvimento quanto a visão instrumental da comunicação (Brianezi; Gattás, 2022).

Ao olhar para a Amazônia, este dossiê também nos convida a ampliar horizontes e a desconstruir narrativas simplistas que historicamente transitam entre inferno e paraíso verdes (Gondim, 1994). Nessa luta pela descolonização de territórios e mentes, há muito que se aprender com os povos tradicionais, que nos ensinam que existência e resistência são indissociáveis (Brum, 2021). Esperamos que este dossiê seja mais um esforço de contar outras e múltiplas histórias que ajudem a adiar o fim do mundo (Krenak, 2019), deslocando representações hegemônicas do povo mercadoria (Kopenawa; Albert, 2010).

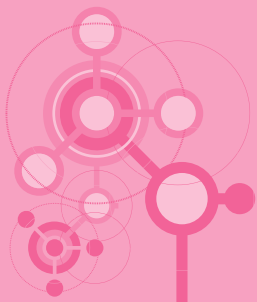
Interdisciplinaridade que também constitui a comunicação organizacional

Organizações de primeiro, segundo e terceiro setores têm-se posicionado discursivamente de forma mais intensa com relação à questão ambiental no Brasil desde a década de 1990. Apesar de a Organização das Nações Unidas patrocinar, desde a década de 1970, conferências e comissões internacionais sobre o tema, foi somente a partir de 1992, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, conhecida como Rio 92, que as organizações públicas e privadas passaram a se preocupar em prestar contas de suas ações com relação ao tema.

Isso aconteceu porque os debates sobre as questões ambientais tornaram-se mais intensos, uma vez que houve pressão social estimulada pela ampliação da participação de importantes Organizações Não-Governamentais no país, que conseguiram permear vários setores da sociedade. Assim, desde então, a questão ambiental passou a constituir um dos temas determinantes para as organizações e para os profissionais que trabalham com a comunicação organizacional.

Esses profissionais, por sua vez, quando precisam abordar temas relacionados ao meio ambiente, deparam-se com questões que são, necessariamente, interdisciplinares. Afinal, é apenas dessa forma que questões complexas, como as mudanças climáticas, podem ser interpretadas durante o processo de comunicação e de relacionamento com os públicos. É nesse contexto que a interdisciplinaridade constitui necessariamente a comunicação organizacional, uma vez que não é possível enfrentar problemas complexos com o olhar apenas das teorias e das técnicas da área. É necessário entender como profissionais de outras áreas da comunicação e das ciências sociais, de modo geral, compreendem e pesquisam as questões ambientais; são esses olhares que permitirão um processo de relacionamento mais consistente com os públicos. Apenas dessa forma será possível ao profissional de Relações Públicas e de Comunicação Organizacional atuar de forma a enfrentar os desafios climáticos que ora vivenciamos.

Este dossiê, alinhado com as premissas acima, coloca em destaque diversos artigos que apontam para a forma como a comunicação climática se configura a partir de estratégias pautadas pelo agendamento dos desafios e riscos ambientais relacionados à mudança do clima. Não podemos esquecer que os meios de comunicação, ao pautar a questão climática, o fazem a partir de horizontes de interesses organizacionais, que envolvem uma tomada de posição orientada por práticas consideradas verdes, configurando uma agenda do dia, seja no âmbito dos governos locais, seja no das organizações. Essa agenda reflete, de forma diuturna, a necessidade das organizações contemporâneas se posicionarem frente aos desafios climáticos e suas consequências. Muitos desses desafios se apresentam como oportunidade para que as organizações



revelem práticas que não se configurem apenas como *greenwashing*, produzindo efeitos de mitigação e adaptação dos desdobramentos das mudanças climáticas.

Vozes dos pluriversos

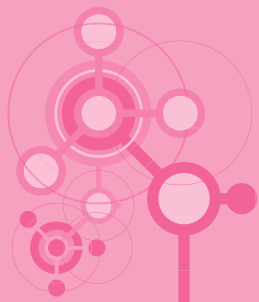
A interdisciplinaridade e a diversidade epistemológica e metodológica que constituem as pesquisas sobre comunicação ambiental, comunicação organizacional e Amazônia manifestam-se nos quinze textos que compõem este número 48 da *Organicom*. Além desta apresentação, são dez artigos do dossiê, uma entrevista, um depoimento, uma resenha e um artigo na seção “Espaço Aberto”.

Três artigos do dossiê tratam dos limites e potencialidades da cobertura jornalística para gerar e qualificar o debate público sobre emergência climática e Amazônia. Em “Os discursos sobre as (in)justiças climáticas na Amazônia em reportagens da COP-30 na Sumaúma”, Cláudia Hertes de Moraes analisa a cobertura realizada em 2023 pela disruptiva agência de notícias criada por Eliane Brum em Altamira (PA), que busca trazer a região amazônica para o centro da pauta e dos processos de geração de notícias. Em “Petróleo na foz do Amazonas: enquadramentos sociais”, Juliana de Oliveira Vicentini identifica e avalia os enquadramentos das matérias publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo* entre janeiro de 2023 e março de 2025. E, em “Jornalismo socioambiental em meio às disputas narrativas e resistências ecoterritoriais”, Pedro Henrique Paes Loureiro de Bragança, Laiza Mangas e Rosane Steinbrenner apresentam os resultados da revisão crítica de teses de doutorado sobre jornalismo ambiental defendidas no Brasil entre 2015 e 2023.

A ação comunicativa de movimentos sociais e organizações da sociedade civil é foco de outros três artigos. Evelyn Moraes demonstra, em “Estúdio-Floresta como estratégia educacional de denúncia e anúncio popular na Amazônia rondoniense”, como uma premiada atividade extensionista da Universidade Federal de Rondônia fornece pistas para implementar estratégias dialógicas mais profundas (das pessoas entre si e delas com o ambiente) em contextos comunitários pressionados por conflitos. Danielle Passos e Alberto Claro investigam a produção científica recente sobre a relação entre comunicação organizacional e fortalecimento institucional em “Revisão sistemática sobre comunicação e sustentabilidade financeira em ONGs”. E Rachel Trajber, José Antônio Marengo Orsini, Rita Marcia da Silva Pinto Vieira e Regina Celia dos Santos Alvalá desvelam as interdependências entre as dimensões ambiental, social e digital da conectividade em “Conectividade, comunicação e clima na Amazônia: contextos local, regional e global”.

A necessária e difícil relação entre o jornalismo e a circulação e apropriação pública dos conhecimentos científicos é abordada em dois textos: em um artigo e na seção “Entrevista”. Em “Campos científico e jornalístico na construção dos desastres climáticos como um problema público”, Márcia Franz Amaral investiga como cientistas percebem a cobertura jornalística de desastres climáticos. E em “Amazônia em risco climático e outras questões de urgência”, uma das principais fontes do jornalismo brasileiro e internacional sobre mudanças climáticas e Amazônia, Carlos Nobre conversa com Myriam Del Vecchio sobre a importância e a dificuldade de ampliar o conhecimento e engajamento da população sobre o tema.

A temática do negacionismo e da desinformação climática ganha centralidade em dois artigos do dossiê. Em “Justiça climática na Amazônia: uma análise da comunicação do Instituto Socioambiental às vésperas da COP-30”, Luciana Miranda Costa, André Wolmer de Melo e Pedro Martins partem da comunicação do ISA para articular debates sobre negacionismo científico e conflitos ambientais na Amazônia. E, em “A cacofonia como estratégia de desinformação sobre mudanças climáticas”, Daniel Reis Silva investiga a campanha de relações públicas do Heartland Institute, *think tank* que lidera os esforços negacionistas globais, iluminando seus processos de produção ativa da ignorância.



O artigo “Práticas de memória entre margens: gestos fotográficos de ocupação no território ribeirinho amazônico” parte da análise de cinco fotografias de comunidades ribeirinhas amazônicas para mostrar como essas imagens podem ser lidas como dispositivos políticos e estéticos de memória, pertencimento e identidade. O texto de Lucidalva Costa de Freitas, Victor Augusto Cavaleiro Corrêa, Marina Picazzio Perez Batista e Paulo Roberto Nassar de Oliveira revelam como as fotografias evidenciam territorialidades e sensibilidades não-hegemônicas, que precisam ser consideradas nas estratégias de enfrentamento e na comunicação da emergência climática.

Já o texto “Crise climática: muita informação, pouca ação. A Linguagem Simples pode contribuir?” traz o depoimento de Heloísa Fischer, principal pesquisadora e ativista brasileira nos estudos e práticas de linguagem simples. A partir da experiência de jogar “Mural do Clima”, do qual ela agora é uma das 700 pessoas no Brasil que atuam como facilitadoras, Fischer vem se debruçando sobre o desafio de descomplicar a comunicação sobre as mudanças climáticas.

Nas seções “Resenha” e “Espaço Aberto”, apesar de não se relacionarem diretamente com a temática do dossiê, encontramos contribuições para aprofundar seu vínculo com a área de Relações Públicas propriamente dita. Na resenha escrita por Vasconcelos, a discussão sobre a atualidade das relações públicas circula em torno de temas que podem mobilizar cenários futuros da área. Conceitos como aceleração (Rosa, 2019) são mobilizados pelo autor da obra resenhada para revelar as dinâmicas atuais da comunicação organizacional, sobretudo a forma volátil como as novas tecnologias e a efemeridade das estratégias organizacionais se manifestam no mundo contemporâneo. Contemplar as práticas comunicacionais contemporâneas, para Vasconcelos, permite entender como as Relações Públicas serão reconfiguradas em cenários futuros.

Para finalizar, podemos complementar a discussão sobre as práticas de Relações Públicas com o artigo de Ojeda *et al.*, no “Espaço Aberto”, no qual os autores discutem a forma como os profissionais da comunicação organizacional se definem enquanto membros participantes da área. Assim, observa-se que a área, segundo os achados da pesquisa apresentada no artigo, revela trajetórias marcadas pela fragmentação dos sentidos, pelas entradas teóricas variadas e pela característica acidental que marca o ingresso no campo da comunicação organizacional.

Thaís Brianezi
Universidade de São Paulo

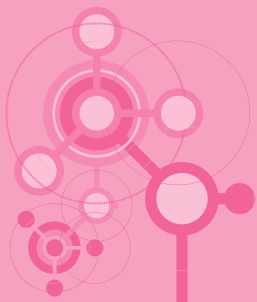
Aline Ferreira Lira
Universidade Federal do Amazonas

Israel de Jesus Rocha
Universidade Federal do Amazonas

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. *O bem viver*. uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, 2016.

AGUIAR, S.; CERQUEIRA, J. F. Comunicação ambiental como campo de práticas e de estudos. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 13, n. 24, p. 11-20, 2012.



BRIANEZI, T.; GATTÁS, C. A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 21, n. 41, p. 33-43, 2022.

BRUM, E. *Banheiro Òkôtô: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CASTELLS M. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Paulo: Paz e Terra, 1999.

COX, R. Nature's 'crisis disciplines': does environmental communication have an ethical duty? *Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture*, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2007.

GONDIM, N. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HAJER, M. *The politics of environmental discourse: ecological modernization and the policy process*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um shaman yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Bazar do Tempo, 2020.

STENGERS, I. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023.